

Casarões preservam a história da imigração italiana no Norte

Pendanga, uma pequena vila em Ibirapu, parece ter parado no tempo: a localidade tem vários casarões que permanecem como eram há 130 anos

Textos e fotos ZENILTON CUSTÓDIO E NILO TARDIN

Por volta de 1870, incentivadas pelo Governo brasileiro, várias famílias da região de Veneto, na Itália, migraram para o Norte do Espírito Santo, na expectativa de encontrar na região ouro em fatura e muitas riquezas. Não demorou muito para que os sonhos desses pioneiros se transformassem em pesadelo.

Mais de 130 anos se passaram desde que os primeiros imi-

grantes pisaram em solo capixaba. Apesar desta trajetória ter sido escrita a custo de muito sofrimento, com mortes por doenças ou atacados pelos índios, em uma localidade do município de Ibirapu descendentes dos italianos que se instalaram na região querem manter viva a história. Eles são de Pendanga, uma vila com cerca de 150 casas, que parece ter parado no tempo.

Uma das principais caracte-

rísticas de Pendanga é a presença de vários casarões antigos. No dia primeiro de agosto próximo, por exemplo, a Igreja da Sagrada Família completará 101 anos.

Como antes. Era neste tempo, que ainda preserva todas as características originais, como portas, piso e janelas, que os sofridos imigrantes velavam seus mortos e pediam forças a Deus.

“Aqui ninguém deixa mudar nada da igreja”, afirma Martha Vescovi Pimentel, 68 anos. A pia batismal é a mesma em que ela foi batizada. Lamentavelmente, entretanto, conta, há cerca de 20 anos um padre retirou os altares laterais. Mas não conseguiu levar as imagens em madeira de Nossa Senhora do Rosário e de Santo Antônio e São Benedito, trazidas da Itália pelos imigrantes. Pendanga conta com apenas

uma rua principal, batizada de Curto Antônio, em homenagem a uma das famílias que imigraram para a região. Em um trecho de menos de 500 metros, vários casarões chamam a atenção pela arquitetura original, que os moradores fazem questão de preservar.

Gengibirina. É o caso da casa de número 14, construída em 1911. No passado viveram ali Giuseppe Piazzini e Angela Del Piero, que em um comércio que movimentavam na parte de baixo do prédio atraíam muitos fregueses interessados em experimentar a gengibirina fabricada pelo casal, bebida alcoólica produzida à base de gengibre. Hoje o imóvel pertence às netas Maria Angela Moraes e Vera Lúcia Moraes.

A parte externa da casa, que está passando por uma reforma geral, preserva as linhas originais. No interior o imóvel ganhou pisos modernos, paredes emassadas e detalhes em granito. Entretanto, mesmo essas mudanças, conforme comenta Maria Angela, estão sendo introduzidas de forma a evitar uma descaracterização radical na estrutura física do imóvel. As portas, trancas, janelas, são autênticas e alguns lustres já ornamentam a casa desde os tempos dos avós.

Desemprego levou à procura por novas terras na América

No princípio do Século XIX ocorreram grandes modificações políticas e econômicas na Europa. Terminadas as guerras napoleônicas, o Congresso de Viena - 1814/1815 - estabeleceu arbitrariamente novos estados, formas de governo e alianças, sem escutar os povos a eles submetidos.

Assim, a Itália se viu dividida em sete estados soberanos, surgindo, em consequência, o ideal da unificação, obtida em 1870. Terminada a luta, o sonho de paz e prosperidade foi substituído por uma dura realidade: batalhões de desempregados e camponeses sem terras. A Revolução Industrial, com a advento das máquinas, substituiu o trabalho do homem, com muito mais lucro e perfeição. A solução foi emigrar em busca de novas terras.

Fim da imigração. Em 20 de julho de 1895, o Governo italiano proibiu a emigração para o Espírito Santo, devido a relatório enviado pelo cônsul da Itália no Estado, apontando as dificuldades que o imigrante era obrigado a suportar: má alimentação, abusos da polícia, deficiência de serviços médicos e escolares.

Família monta museu para contar vida de antepassados

Entre os moradores de Pendanga a preocupação com a preservação da memória é levada tão a sério que um dos descendentes decidiu montar um museu só da família. Trata-se de Dival Antônio Curto, de 76 anos, nascido na localidade e um dos principais conhecedores da história local.

“Os italianos vieram atraídos por muita balela. Quando che-

Casarão à venda em Pendanga

Quem estiver interessado em adquirir um dos antigos casarões de Pendanga não pode perder esta oportunidade. O médico Mário Lúcio Gorza está vendendo um, totalmente restaurado, localizado na Rua Curto Antônio. Mário não fala sobre o preço. “Eu faço isto quase chorando”, comenta o proprietário da casa, descendente de uma família de Pendanga. Ele conta que adquiriu o imóvel em 1994, quando o prédio estava em precário estado de conservação. “Só aproveitei as paredes”, conta. Destaca, entretanto que o processo de restauração, que durou seis anos, foi minucioso, respeitando as características originais do casarão. A data precisa de construção do ca-



sobre o preço. "Eu faço isto quase chorando", comenta o proprietário da casa, descendente de uma família de Pendanga. Ele conta que adquiriu o imóvel em 1994, quando o prédio estava em precário estado de conservação. "Só aproveitei as paredes", conta. Destaca, entretanto que o processo de restauração, que durou seis anos, foi minucioso, respeitando as características originais do casarão. A data precisa de construção do casarão é desconhecida. Entretanto, sabe-se que, em 1926, os moradores construíram um pavimento superior.



MEMÓRIA EM CONCRETO. Na rua principal da vila, há vários casarões que os descendentes de imigrantes fazem questão de preservar

Fachadas esculpidas resistem ao tempo em Colatina

Símbolos de riqueza no século XIX, as casas com fachadas decoradas são obra de imigrantes

COLATINA. Em Colatina, o estilo eclético das fachadas ornamentais dos imóveis antigos resiste ao tempo, mas ameaçadas pela vertiginosa busca de espaço na zona comercial da cidade. Os belos desenhos esculpidos na arga-

massa mostram que os pedreiros e carpinteiros eram exímios artistas contemporâneos.

São claras as influências europeias nos prédios históricos de arquitetura destacada pelos enfeites nas muretas que encobrem os telhados. A mistura de estilos, entre o colonial brasileiro e art decór, prevalece na maioria das fachadas. Quase todos os prédios artísticos estão localizados no centro da cidade, à exceção do Sítio Histórico de

Itapina, no interior.

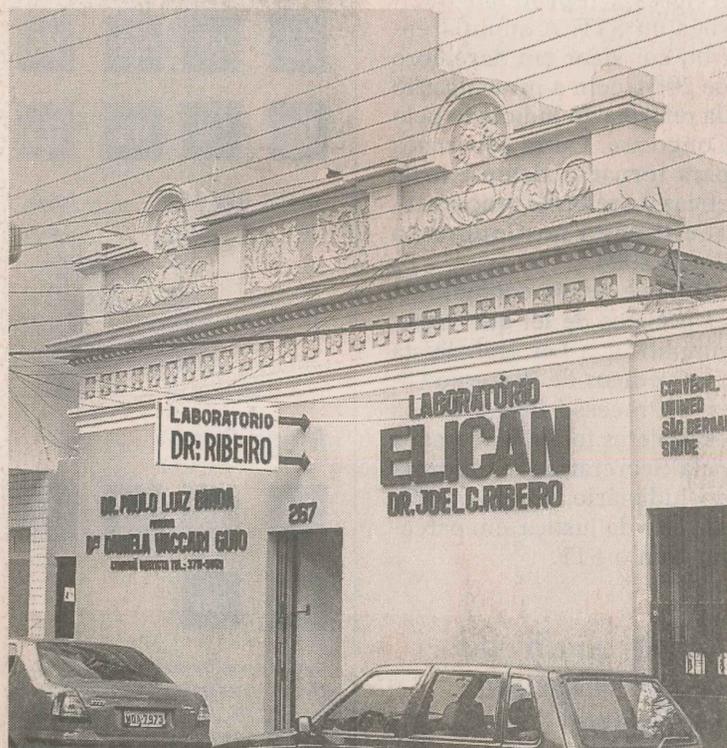
Os desenhos trazem uma carga enorme de símbolos esotéricos. Leis de amparo e incentivo são as armas para garantir a sua preservação, diz a arquiteta colatinense Kelly Guariento Marques.

Os adornos de fachadas eram sinais de estatus e fortuna originários do café nas primeiras décadas do século 19. Restaram poucos exemplos de casas decoradas erigidas entre 1927 e 1945 que ainda estão de pé.

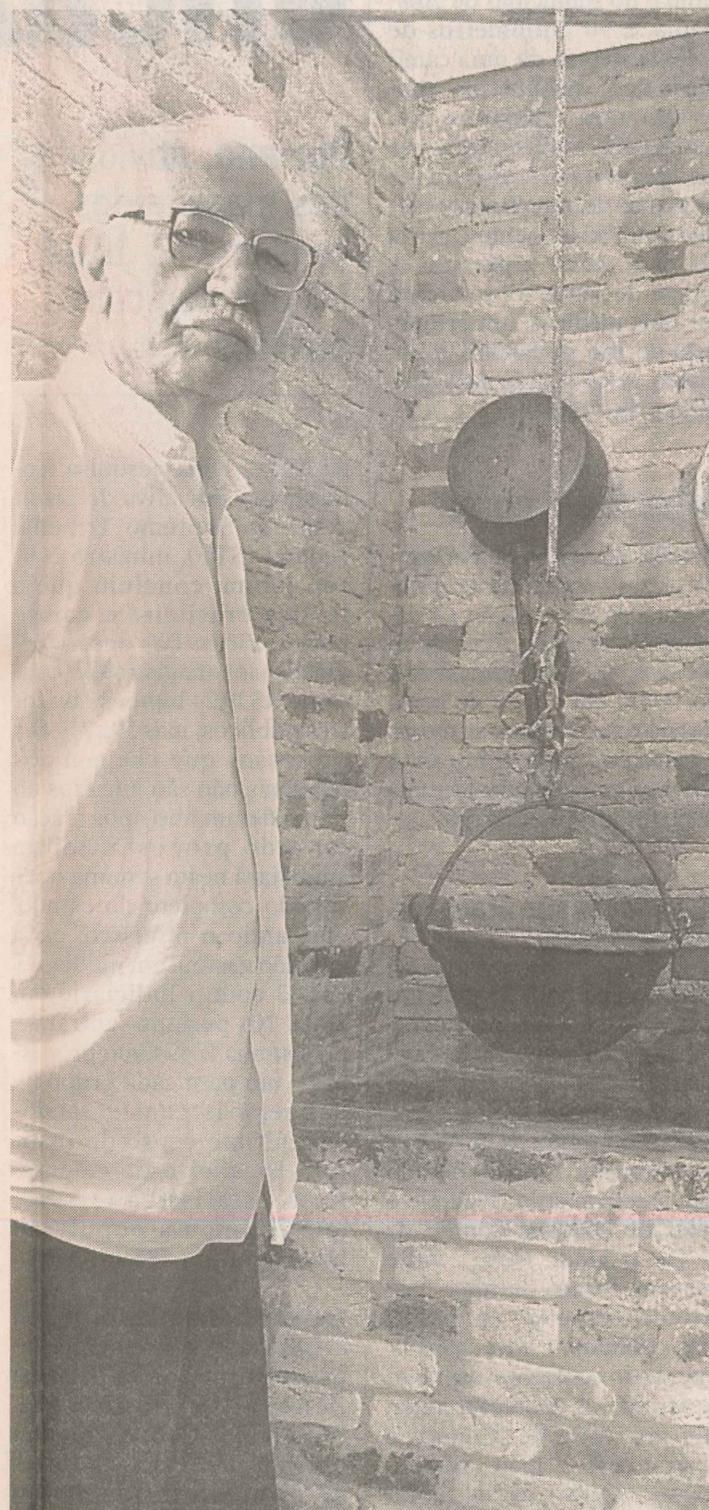
O prédio da Câmara dos Vereadores figura como exemplo desta fase áurea da economia colatinense. Outra, é o prédio (foto) na Rua Santa Maria, cujos proprietários tiveram o cuidado de manter o alto relevo na fachada.

Obras de arte. Kelly explica que muitos dos construtores antigos eram imigrantes europeus com formação em artes e ofícios. O conhecimento foi sendo transmitido por gerações até desaparecer no alçapão da arquitetura moderna.

"É preciso despertar a consciência de que estes imóveis são autênticas obras de arte. Se faz necessário uma legislação que as proteja, inclusive com abatimento em impostos", sugere Kelly Marques. A arquiteta elaborou o projeto de reforma da Câmara dos Vereadores, onde todos os elementos históricos foram restaurados há cerca de quatro ano



ARTE EM CONCRETO. Na Rua Santa Maria, a fachada decorada em alto relevo foi preservada pelos proprietários do prédio.



MEMÓRIA VIVA. Filho de imigrantes, Dival Antônio Curto, de 76 anos, mantém objetos em um museu, como a cozinha italiana.

antepassados

Entre os moradores de Pendanga a preocupação com a preservação da memória é levada tão a sério que um dos descendentes decidiu montar um museu só da família. Trata-se de Dival Antônio Curto, de 76 anos, nascido na localidade e um dos principais conhecedores da história local.

"Os italianos vieram atraídos por muita baleia. Quando chegaram aqui eles foram abandonados pelo Governo brasileiro", relata Dival, neto de Curdo Antônio, imigrante que se instalou em Pendanga quando soube que a estrada de ferro passaria pelo local. Seu nome e o da mulher, Fiorina, encabeçam o pedestal onde Dival homenageia com placas parentes e outras famílias que viveram na localidade.

O projeto do museu, faz questão de frisar, é feito em parceria com os irmãos, os filhos (seis) e o primo Antônio Vescovi. Quem visita o local tem a oportunidade de conhecer detalhes interessantes dos costumes e da cultura dos primeiros imigrantes que chegaram a Pendanga. No local Dival montou até uma cozinha típica italiana, com fogão de tijolinhos e a cagliera (panela feita de cobre e que serve para preparar polenta) pendurada pela cadeia (corrente de ferro).

O que não faltam são objetos curiosos no museu. Um quadro pintado a óleo mostra o mesmo local no início do século passado, com destaque para a estação ferroviária e a antiga residência, que não existem mais, além da Igreja de Santo Antônio. Dival também elaborou uma relação com os sobrenomes das famílias que viveram na localidade, muitas delas já sem nenhum descendente na região.

Outros objetos do museu: o cinto usado pelos italianos em dias de festa (eles não costumavam usar cinto no dia-a-dia para segurar as calças), um debulhador de milho importado da França, fotos antigas, uma "schioffa", espingarda dos italianos chamada de chumbeira, entre vários outros.

O destaque fica por conta da igreja da família, construída há mais de um século. Até hoje Dival mantém os rituais dos antepassados, como rezar em latim e manter uma vela acesa permanentemente no interior do templo.